RUFANDO BOMB NEWS Notícias sem rodeios

Segunda-Feira, 02 de Novembro de 2026

Saudade que Permanece: Histórias de Amor Além da Ausência Física

Três histórias tocantes de familiares que mantêm viva a memória de quem partiu através de lembranças, tradições e amor.

O tempo avança, porém determinadas ausências continuam ecoando através de canções, retratos e narrativas que ultrapassam gerações.

Comemorado em 2 de novembro, o Dia de Finados é marcado por reverências e recordações daqueles que já faleceram; contudo, o sentimento de saudade ultrapassa as fronteiras de um único dia. Ele ressurge em uma fotografia preservada, numa melodia que toca sem aviso, no aroma que subsiste ou em um costume que resgata a lembrança de quem se foi.

Para Lucinei Flores, aos 64 anos, a memória do filho Rafael Ferreira Flores integra-se aos pormenores cotidianos. O riso, as brincadeiras e a vitalidade do menino são impressões que os anos não conseguiram apagar. Sete anos após a despedida, ela ainda identifica meios de sentir a presença dele através dos momentos que guarda com devotamento.

"Meu filho querido era muito alegre e sorria muito. Ele contava piadas só para me ver dar risadas", recorda Lucinei Flores.

Dentre as recordações mais significativas está a paixão de Rafael por pipas. A visão de uma criança brincando ao ar livre é suficiente para despertar a nostalgia e transportar momentos divididos com o filho.

"Quando ele via um vento, ia soltar pipa. Eu fico muito emocionada quando vejo criança soltando pipa", conta Lucinei Flores.

A progenitora também conserva pertences que auxiliam a conservar a presença de Rafael. A fragrância e os retratos resguardados no aposento dele persistem como segmento de sua narrativa e constituem uma maneira de diminuir a distância na falta da proximidade material.



"Eu tenho o perfume dele ainda e as fotos que estão no quarto. Eu não esqueço nunca, porque ele está nos meus pensamentos e no meu coração", afirma Lucinei Flores.

Para Lucinei, o Dia de Finados representa um dos momentos mais desafiadores do ano. A ocasião amplia a melancolia e intensifica a falta do filho para toda a família.

"O Dia de Finados é o dia mais triste para mim. Choro muito. Parece que o tempo não passou, a saudade dói muito em mim, no pai dele, no irmão, na irmã e na sobrinha também", relata Lucinei Flores.

Apesar do sofrimento, os momentos de Rafael continuam sendo rememorados pelos familiares. O irmão costuma compartilhar imagens nas plataformas digitais como tributo a ele, assegurando que sua trajetória alcance outras pessoas também.

Ao discorrer sobre o filho, Lucinei destaca a dedicação, a alegria e o sorriso que caracterizaram sua personalidade. A expressão que gostaria de transmitir a Rafael sintetiza o sentimento que persiste mesmo após a separação: "Amo muitooo meu anjo dourado da minha vida", fala Lucinei Flores.

O pai que continua sendo inspiração

A saudade acompanha também Christiane Gonçalves, de 47 anos, que perdeu seu pai, William Gonçalves, apelidado de Zelito. Mesmo passados 27 anos, as vivências da infância e o relacionamento carinhoso entre os dois permanecem presentes.

Para ela, o pai representava mais que um membro familiar: era sua inspiração, aquele com quem construiu um vínculo profundo de afeto.

"Os abraços, os conselhos, os carinhos… Nós éramos muito unidos", lembra Christiane Gonçalves.

William dedicou-se a variadas profissões, inclusive a de caminhoneiro. Na infância, Christiane esperava ansiosamente pelos instantes em que ele retornava. Os reencontros traziam conversações, relatos e recordações que se tornaram relevantes em sua memória emocional.

"Quando ele chegava, era aquela festa. Tínhamos muitos causos e passávamos tempos conversando. Isso, quando eu era criança, lembro bem", conta Christiane Gonçalves.



Recordar do pai ainda desperta sentimentos profundos. Ao passo que revisitar essas lembranças pode ser penoso, Christiane descobre nas conversas um espaço para demonstrar o afeto que continua sentindo.

"Eu amo tanto meu pai. Para mim, está sendo difícil falar sobre essas perguntas, mas, ao mesmo tempo, é um alívio, porque falar do meu pai é um momento de prazer e paz para mim", relata Christiane Gonçalves.

Certas memórias vêm acompanhadas de musicalidade. A composição "Pai", do intérprete Fábio Jr., afeta Christiane por transportá-la à convivência que manteve com Zelito. "Choro muito, principalmente quando ouço a música 'Pai', do cantor Fábio Jr. Ela descreve tudo do meu pai", diz Christiane Gonçalves.

Nas homenagens, Christiane executa seus próprios rituais. Em sua residência, reza e acende velas, atitudes que integram sua forma de perpetuar e reverenciar o genitor.

Ao transcorrer dos anos, o nascimento dos filhos trouxe novas circunstâncias e contribuiu para amenizar a nostalgia. Ela acentua, ainda, a importância da colaboração do cônjuge, que se manteve ao seu lado nos períodos desafiadores.

"A saudade minimizou com a chegada dos meus filhos, que vieram para preencher esse vazio que meu pai deixou, e com a parceria do meu esposo, que nunca me deixou nos momentos difíceis, sempre esteve comigo, lutando dia a dia", fala Christiane Gonçalves.

Os aprendizados de William subsistem na forma como Christiane interpreta a existência. A integridade, o respeito ao semelhante e o envolvimento com suas ações são princípios que ela protege como parte do patrimônio deixado pelo pai.

Ao resumir seu significado em sua trajetória, a filha confirma que a admiração subsiste, apesar da ausência e dos limites que caracterizam qualquer vínculo.

"Pai, o senhor, para mim, sempre será meu herói, apesar dos nossos defeitos, pois não somos perfeitos", declara Christiane Gonçalves.

A nostalgia igualmente faz componente da jornada de Geneci Ferreira, que perdeu sua mãe, Lourdes Maria Ferreira, há um ano e dois meses. Desde aquela separação, as lembranças da convivência entre ambas persistem presentes nos detalhes da rotina, dos espaços da residência aos instantes singelos que compartilhavam.



Dentre as vivências mais marcantes encontram-se as madrugadas em que assistiam televisão conjuntamente até altas horas. Para Geneci, são esses episódios ordinários que facilitam manter a recordação da genitora.

Desde o despertar, múltiplos ambientes e situações a trazem lembrança de Lourdes. A falta também provocou reflexões acerca da fugacidade temporal e a relevância de apreciar o tempo próximo às pessoas queridas. Uma das formas que Geneci localizou para homenagear a progenitora é cuidar das plantas que ela deixou. Com dedicação, sustenta os cuidados que Lourdes apreciava oferecer a elas, transformando essa ação em um método de guardar algo que integrou a vida de ambas.

Apesar da saudade continuar presente, Geneci procura recordar da mãe com alegria, admirando os períodos satisfatórios que conviveram. Os ensinamentos transmitidos por Lourdes, tais como civilidade, consideração e valores, igualmente permanecem como porção do legado que a filha traz consigo.

Para Geneci, a agonia da separação pode se tornar mais tolerável com a passagem dos anos, porém a saudade não se extingue. O afeto e a apreciação continuam participando de sua narrativa e da forma como ela sustenta a presença da mãe em seus pensamentos.

Ao homenagear Lourdes, Geneci comunica uma frase que resume a emoção que permanece mesmo após a separação: "Gostaria de dizer que sempre a amei e sempre vou amar, e que sou muito grata por tudo", declara Geneci Ferreira.

O luto não tem limite temporal

As vivências de Lucinei, Christiane e Geneci ilustram que a melancolia pode expressar-se de variadas formas e que qualquer indivíduo descobre suas próprias estratégias para conviver com o sofrimento. Segundo a especialista Anny Kariny Santana de Arruda, o processo de luto constitui uma jornada intensa, capaz de influenciar múltiplos aspectos da existência.

"A perda de alguém importante pode despertar tristeza, saudade, culpa, raiva, medo, sensação de vazio e até dificuldades para dormir ou se concentrar. Cada pessoa vivencia esse processo de uma maneira, pois o luto também é influenciado pela história, pelo vínculo construído e pelo significado que aquela pessoa tinha em sua vida", explica Anny Kariny Santana.

Conforme a profissional, datas singulares como o Dia de Finados conseguem potencializar essas emoções pois carregam peso emocional, social e familiar. Composições, essências, imagens e práticas tradicionais também podem desperta sentimentos que pareciam amenizados na rotina.

"Isso não significa necessariamente que a pessoa esteja regredindo no processo de luto, mas que aquele vínculo continua tendo significado. Precisamos respeitar esses sentimentos e compreender que, em algumas datas, a saudade pode se tornar mais presente e exigir de nós um cuidado emocional maior", afirma Anny Kariny Santana.

Nessa trajetória, guardar vivências pode representar uma estratégia de reconhecer a relevância de quem faleceu. Imagens, narrativas repartilhadas e homenagens permitem conservar a narrativa edificada e os conhecimentos transferidos por essas pessoas.

"A morte interrompe a presença física, mas não apaga a história construída, os ensinamentos, os momentos compartilhados e a influência que aquela pessoa teve em nossa vida", destaca Anny Kariny Santana.

A profissional salienta que avançar não corresponde a esquecer o falecido ou cessar de amar. É viável desenvolver novas jornadas, viver outras situações e experimentar alegria sem que isso diminua a relevância de quem se foi.

"É possível continuar vivendo, construindo novos caminhos e, ao mesmo tempo, manter um lugar afetivo para quem partiu. O importante é que essas lembranças sejam vivenciadas de uma maneira que faça sentido para cada pessoa", explica Anny Kariny Santana.

A especialista também ressalva que inexiste tempo apropriado para superar um falecimento. O luto não obedece a cronograma nem progride linearmente. Enquanto determinadas pessoas conseguem recuperar atividades comuns mais depressa, outras necessitam de período prolongado e orientação.

A intervenção especializada pode mostrar-se relevante quando a anguistia se torna difícil de controlar, impacta expressivamente as tarefas diárias, os relacionamentos ou a atenção pessoal, ou quando o indivíduo sente incapacidade de lidar com a carência. O afastamento e o desânimo também necessitam de consideração.

Para transpor esse período, Anny orienta que os indivíduos identifiquem seus próprios sentimentos, dialoguem com pessoas próximas e busquem maneiras de comunicar a nostalgia, seja por intermédio de homenagens, expressão escrita ou perpetuação de práticas familiares.

"Lidar com a saudade começa pelo reconhecimento de que não precisamos esconder nossos sentimentos nem nos cobrar para estar bem o tempo todo", orienta Anny Kariny Santana.

No Dia de Finados, entre tributos, orações e lembranças, narrativas como as de Lucinei e Christiane demonstram que o afeto não desvanece com a morte. Ele permanece nas atitudes, nos saberes, nas histórias rememoradas e nos detalhes que continuam constituindo a existência. A melancolia pode alterar-se com o tempo, porém a memória de quem foi significativo descobre modos de subsistir.